



## AGENDA DA SEMANA

## INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

### Eleições nos EUA e decisões do Copom e do Fed concentram as atenções da semana

**No cenário doméstico, o destaque da semana é a reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central, que acontecerá nos dias 5 e 6 de novembro e deve acelerar o ritmo de aperto monetário para uma alta de 0,50 pp, levando a taxa Selic para 11,25% aa.** Após iniciar o novo ciclo de alta da Selic na última reunião com um aumento de 0,25 pp, é praticamente unânime que o BCB não só dará continuidade como também intensificará tal processo. Os argumentos a favor de tal medida seguem praticamente os mesmos, ou seja, inflação acima da meta, expectativas desancoradas, atividade/mercado de trabalho aquecidos (além do esperado) e continuidade do movimento de depreciação cambial. Além disso, atenção para as novas projeções de inflação da instituição, que, segundo o último Relatório Trimestral de Inflação, apontava uma inflação de 3,5% no 2T26, atual horizonte relevante, acima da meta de 3%. Desde então, o mercado tem elevado a estimativa para a taxa Selic no fim do atual ciclo de ajuste monetário (de 11,5% aa para 12,0% aa), segundo o boletim Focus, fato que dará alguma pista se haverá a necessidade da alta dos juros ser maior do que a esperada até então.

**Na agenda de indicadores, o IBGE divulga o resultado do IPCA de outubro na sexta (8), que deve ultrapassar o teto da meta de 4,5%.** O consenso do mercado espera uma alta de 0,54% do índice no mês, pressionado, assim como nas últimas leituras, pelo preço da energia elétrica e dos alimentos (especialmente carnes e derivados). Com isso, o IPCA deve acelerar para 4,74% (ante 4,42%) nos últimos 12 meses, reforçando a preocupação com o comportamento da inflação. Também na semana, a FGV publica, na quarta (6), o IGP-DI de outubro, que deve subir 1,58% no mês, com nova pressão dos itens no atacado (agora também vindo de itens industriais, além dos agropecuários). Em 12 meses, o IGP-DI deve atingir 5,95% (ante 4,83%).

**Números fiscais, da balança comercial e do setor automotivo também serão conhecidos na semana.** O Tesouro divulga nesta quarta (7), com atraso (paralisação dos servidores), o resultado de setembro do governo central. Os analistas estimam um déficit primário de R\$ 5,4 bi no mês, apesar do forte crescimento da arrecadação. Na quarta (6), sairá o resultado da balança comercial de outubro, com expectativa de superávit de US\$ 4,7 bi, novamente abaixo do observado no mesmo período do ano anterior (US\$ 9,2 bi), diante da sólida expansão das importações (demanda interna aquecida). Por fim, a semana também traz dados de produção e vendas do setor automotivo, que devem seguir em recuperação, favorecido pela expansão da renda e do crédito para o segmento.

**No setor bancário, a semana dá continuidade a temporada de balanços referente ao 3T24, com a divulgação do resultado do Itaú nesta segunda, após o fechamento dos mercados.** A expectativa dos analistas é de um lucro líquido de R\$ 10,4 bi no período, subindo 3,0% no trimestre e 14,7% ante o mesmo período de 2023, beneficiado pela expansão do crédito e controle da inadimplência. Banco Pan (dia 06), ABC (dia 07) e BMG (dia 07) também divulgam seus resultados ao longo da semana. O quadro na próxima página traz as datas de divulgação e as projeções do mercado para os bancos de capital aberto no Brasil.

**No âmbito internacional, o grande destaque da semana é a eleição presidencial norte-americana, que ocorre na terça-feira (5) e não há um claro favorito para a disputa.** Donald Trump, o candidato republicano, apresenta uma leve vantagem sobre Kamala Harris (Democrata) nas casas de apostas nesta reta final de campanha. De todo modo, o resultado dependerá do desempenho dos candidatos nos chamados “swing states”, que não demonstram uma preferência por um dos dois partidos e serão decisivos para qualquer um dos candidatos atingir os 270 delegados necessários para se eleger (de um total de 538). Além das eleições presidenciais, a população também escolherá todos os 435 assentos da Câmara dos Deputados e um terço das cadeiras do Senado. Assim, outro ponto de atenção será a força que o vencedor terá no Congresso (ou seja, se conseguirá formar maioria em uma ou nas duas casas do Congresso para aprovar suas propostas).



## AGENDA DA SEMANA

## INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Uma vitória de Trump (junto com maioria no Congresso) deve trazer mais volatilidade aos mercados no curto prazo, impactando especialmente a moeda dos países emergentes (como o Brasil), que podem ser prejudicados com suas políticas protecionistas. De toda forma, a médio/longo prazo, independente do vencedor, os agentes devem avaliar como o novo presidente lidará com temas como o crescente déficit fiscal, as tarifas comerciais e a imigração, e como isso impactará a economia dos EUA e global.

**Também ocorrerá na semana a penúltima reunião de política monetária do Fed do ano, que excepcionalmente (em função das eleições) foi adiada para a quinta-feira (7).** É praticamente consenso no mercado que o Colegiado optará por reduzir o ritmo da flexibilização monetária para um corte de 0,25 pp (ante 0,50 pp na última reunião), levando os *Fed Funds* para o intervalo entre 4,50% e 4,75% aa. A atividade e o consumo das famílias em ritmo ainda forte e o mercado de trabalho em boas condições justificam a postura mais cautelosa do Fed. Atenção para a sinalização sobre os próximos passos, que diante do atual estágio da economia dos EUA, pode indicar um ciclo de corte de juros mais modesto do que o esperado pelo mercado.

**Na China, o Comitê Permanente do Congresso Nacional do Povo (NPC, em inglês) irá se reunir entre os dias 4 e 8 de novembro, com os investidores aguardando o anúncio de novos estímulos para a economia chinesa.** Em meio à desaceleração da atividade e um ambiente deflacionário, a expectativa é que o Comitê aprove novas medidas de estímulo, especialmente de cunho fiscal. Segundo informações da imprensa, o órgão pode aprovar um pacote com apoio expressivo para os governos locais, que tem sofrido com a crise do mercado imobiliário.

**Por fim, vale mencionar que também serão conhecidos uma série de indicadores econômicos ao longo da semana.** Nos EUA e na Zona do Euro, serão divulgados dados dos índices PMIs. E, na China, dados da balança comercial e de inflação ao consumidor (CPI) e ao produtor (PPI).

A próxima página traz a agenda completa de indicadores, com as datas de divulgação e projeções de mercado.

### Calendário de Divulgação e Estimativa de Lucro dos Bancos com Capital Aberto para o 3T24

Banco	Data	Estimativa de Lucro Líquido no 3T24 - Em R\$ mi	Var. % Trimestral	Var. % Anual
Itaú	04/nov	10.370,8	3,0%	14,7%
Pan	06/nov	221,8	16,7%	24,8%
ABC	07/nov	241,5	-3,4%	5,8%
BMG	07/nov	103,0	-1,9%	43,1%
Banrisul	12/nov	251,9	1,8%	97,7%
BTG Pactual	12/nov	3.144,5	11,4%	19,9%
Banco do Brasil	13/nov	9.362,6	-1,5%	6,6%
Pine	13/nov	-	-	-
Nubank	13/nov	-	-	-
Inter	14/nov	254,4	14,3%	144,3%
XP	19/nov	1.225,4	9,6%	12,8%

Fonte: RI dos bancos. Projeção: Bloomberg.



## INDICADORES DA SEMANA

### NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
04/nov	Fenabreve: Emplacamento de Veículos	Out/24	-	19,6% a/a
06/nov	BCB: Reunião do Copom	-	11,25% aa	10,75% aa
06/nov	Secex: Balança Comercial	Out/24	US\$ 4,7 bi	US\$ 5,4 bi
06/nov	FGV: IGP-DI	Out/24	1,58% m/m 5,95% a/a	1,03% m/m 4,83% a/a
07/nov	Tesouro: Resultado Primário do Governo Central	Set/24	R\$ -5,4 bi	R\$ -22,4 bi
07/nov	Anfavea: Produção de Veículos	Out/24	-	10,1% a/a
08/nov	IBGE: IPCA	Out/24	0,54% m/m 4,74% a/a	0,44% m/m 4,42% a/a

Fonte: Bloomberg.

### INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
04/nov	Zona do Euro	PMI Manufatura	Out/24 – final	45,9 pts	45,0 pts
04/nov	China	PMI Caixin Serviços	Out/24	50,5 pts	50,3 pts
04-08/nov	China	Reunião do Comitê Permanente do Congresso Nacional do Povo	-	-	-
05/nov	EUA	Eleição Presidencial e Legislativa	-	-	-
05/nov	EUA	ISM / PMI Serviços	Out/24 – final	53,8 pts / 55,3 pts	54,9 pts / 55,2 pts
06/nov	Zona do Euro	PMI Serviços	Out/24 – final	51,2 pts	51,4 pts
07/nov	Zona do Euro	Vendas no varejo	Set/24	0,4% m/m	0,2% m/m
07/nov	EUA	Estoques no atacado	Set/24	-0,1% m/m	0,2% m/m
07/nov	EUA	FED – Reunião de Política Monetária do Fomc	-	4,50% aa; 4,75% aa	4,75% aa; 5,00% aa
07/nov	EUA	Crédito ao Consumidor	Set/24	US\$ 14,0 bi	US\$ 8,9 bi
07/nov	China	Balança Comercial (Exportações / Importações)	Out/24	5,0% a/a -1,8% a/a	2,4% a/a 0,3% a/a
08/nov	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Nov/24 – prévia	71,0 pts	70,5 pts
08/nov	China	Inflação ao Consumidor (CPI)	Out/24	0,4% a/a	0,4% a/a
08/nov	China	Inflação ao Produtor (PPI)	Out/24	-2,5% a/a	-2,8% a/a

Fonte: Bloomberg.



## ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

## INDICADORES ECONÔMICOS

### Taxa de desemprego registra mínima histórica e indústria mostra boa expansão no 3T24

Os números de setembro do mercado de trabalho mostraram que o segmento segue aquecido, sinalizando que o consumo deve continuar em expansão neste fim de ano. A taxa de desemprego, calculada pela PNAD, mostrou novo recuo e atingiu 6,4% no trimestre encerrado em setembro (ante 6,6% em agosto), menor patamar para o período. Feitos os ajustes sazonais, a taxa recuou de 6,7% para 6,5%, atingindo o menor patamar da série histórica (iniciada em 2012).

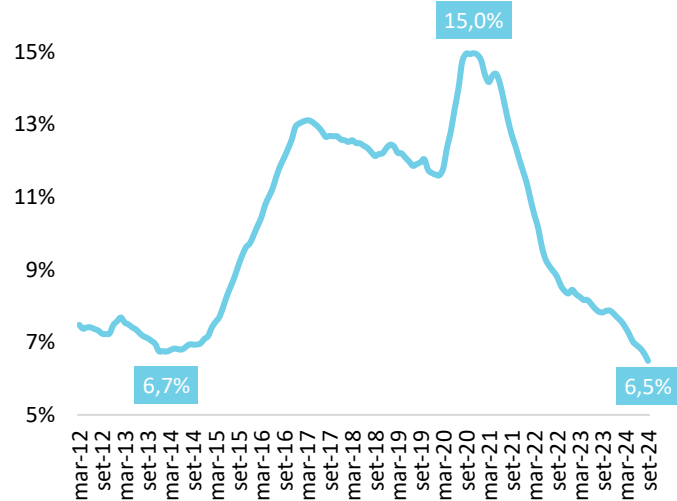
A queda do desemprego segue explicada pelo aumento da ocupação, que cresceu 1,2% no trimestre e 3,2% em 12 meses, com o contingente de pessoas ocupadas chegando a 103,0 milhões, também nível recorde. O avanço é especialmente impulsionado pelos segmentos privados formal e informal, com altas anuais de 4,3% e 8,1%, respectivamente. Já a população desocupada recuou 7,2% no trimestre e 15,8% na comparação anual, caindo para 7,0 milhões de pessoas, menor contingente desde jan/15 (6,9 mi).

O rendimento médio real, por sua vez, mostrou ligeira acomodação ante o trimestre anterior (-0,4%), após avançar de maneira ininterrupta desde meados de 2023. Porém, na comparação anual, seguiu em forte alta, de 3,7%. Adicionalmente, o aumento da população ocupada mais do que compensou a retração nos rendimentos na margem, fazendo com que a massa salarial seguisse avançando no trimestre (+0,8%) e especialmente na variação anual (+7,2%).

No setor formal, o Caged apontou criação líquida de 247,8 mil vagas em setembro, acima das expectativas do mercado (+222,6 mil) e do observado em set/23 (+204,7 mil). Com exceção da agricultura, todos os setores mostraram geração líquida de vagas. O resultado também mostrou aceleração na margem (+239,1 mil em ago/24), inclusive na série com ajuste sazonal, sinalizando que o ritmo líquido de contratações no setor formal permanece forte. Com isso, o país acumula criação de 2,0 milhões de vagas em 2024, bem acima dos 1,6 milhões registrados no mesmo período em 2023.

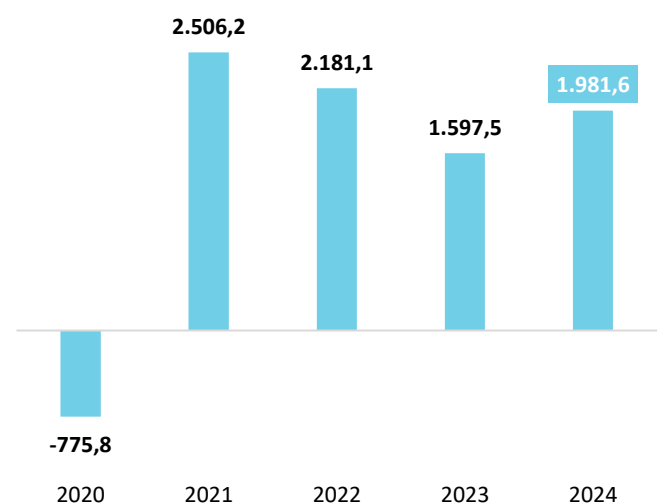
Portanto, os números divulgados mostraram que o mercado de trabalho seguiu com bom dinamismo no 3T24, com geração robusta de vagas e avanço dos rendimentos. A expectativa é que os números sigam positivos nos próximos meses, beneficiados também pela sazonalidade positiva do período (contratação para as festas de fim de ano). Assim, é provável que a taxa de desemprego siga recuando, podendo chegar a 6,0%.

Quadro 1: Taxa de Desemprego – Série com ajuste sazonal\*



Fonte: PNAD (IBGE). \*Ajuste Febraban

Quadro 2: Geração de Vagas Formais – Acumulado no período (jan-set) – em milhares



Fonte: Caged

A produção industrial surpreendeu positivamente ao crescer 1,1% em setembro, acima do esperado pelo mercado (+0,9%). Com o resultado, a indústria encerrou o 3º trimestre com alta de 1,6%, sugerindo um novo crescimento do PIB no período.

No mês, o crescimento do setor foi liderado pela indústria de transformação (+1,7%), que voltou a avançar após dois meses de queda. A alta não foi disseminada entre as atividades, observada em apenas 12 das 25 analisadas, mas com forte avanço em segmentos de importante peso, como derivados do petróleo (+4,3%), veículos (+2,5%) e produtos alimentícios (+2,3%). Também houve expressiva alta na fabricação de produtos de fumo (+36,5%), ainda capturando sinais de recuperação do segmento após os impactos das enchentes no Rio Grande do Sul, importante Estado produtor.

Entre as grandes categorias, houve alta em bens de capital (+4,2%), intermediários (+1,2%) e não duráveis (+0,6%). Apenas a produção de bens duráveis apresentou queda no mês (-2,7%), a segunda seguida, mas sem devolver a forte alta de julho (+8,1%) e alterar o cenário positivo do ramo em 2024, que vem se beneficiando do aumento da renda e da ampliação do crédito.

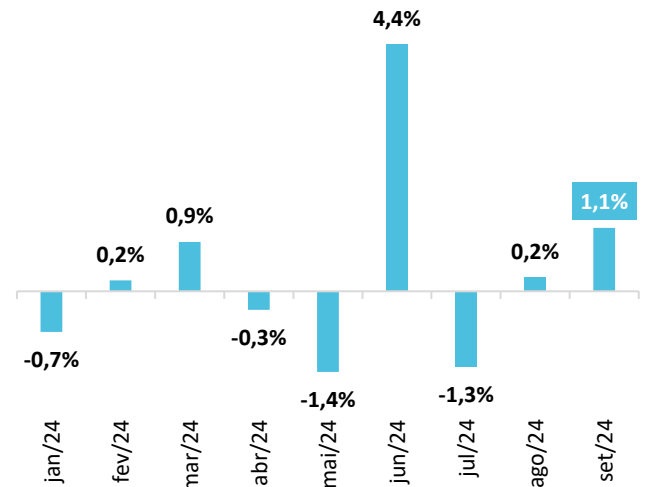
No trimestre, todas as grandes categorias avançaram, com destaque justamente para a de bens duráveis, que avançou 6,5%, impulsionando o resultado da indústria de transformação (+1,7%), que acelerou ante as altas do 1T24 (+1,3%) e 2T24 (+1,1%). Na mesma direção, a indústria extrativa também cresceu (+0,6%) no período, após dois trimestres de queda.

Assim, o resultado da produção industrial mostrou que o setor fechou o 3º trimestre com desempenho bastante positivo, acelerando ante os resultados dos trimestres anteriores, impulsionado pela indústria de transformação, que se beneficia da demanda doméstica aquecida. Com isso, o setor deve ter dado uma contribuição importante para a alta do PIB no trimestre.

**Em relação às contas externas, o déficit em transações correntes segue mostrando alguma deterioração, atingindo 2,1% do PIB no acumulado em 12 meses, mas ainda em patamar administrável.** A conta corrente ficou deficitária em US\$ 6,5 bi em setembro, ante superávit de US\$ 0,3 bi no mesmo mês de 2023. Com isso, o déficit acumulado em 12 meses aumentou pelo 7º mês seguido, de US\$ 39,0 bi (1,76% do PIB) em ago/24 para US\$ 45,8 bi (2,07% do PIB).

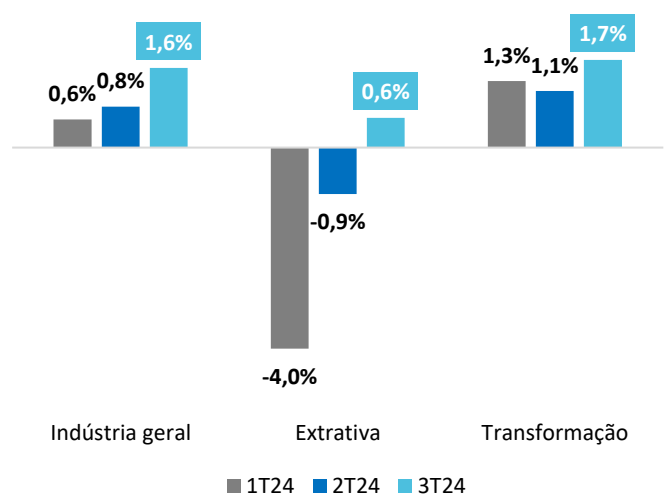
A piora no comparativo interanual refletiu o menor saldo comercial e os aumentos nos déficits das balanças de serviços e renda.

**Quadro 3: Produção Industrial – Var.% mensal**



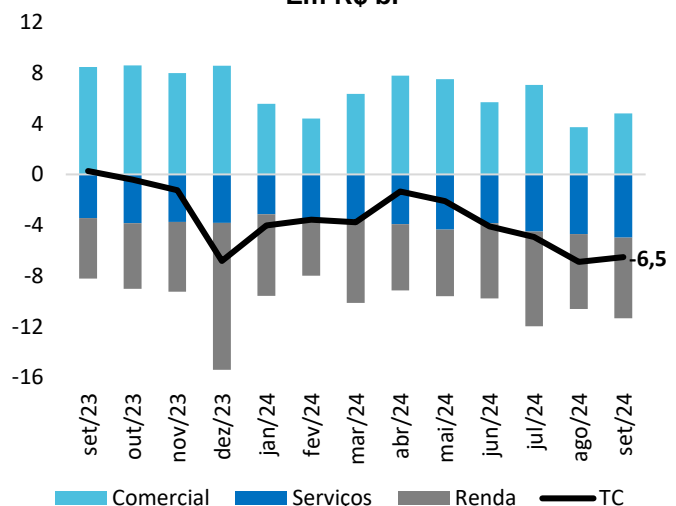
Fonte: IBGE

**Quadro 4: Produção Industrial – Var.% trimestral**



Fonte: IBGE

**Quadro 5: Balança de Transações Correntes Em R\$ bi**



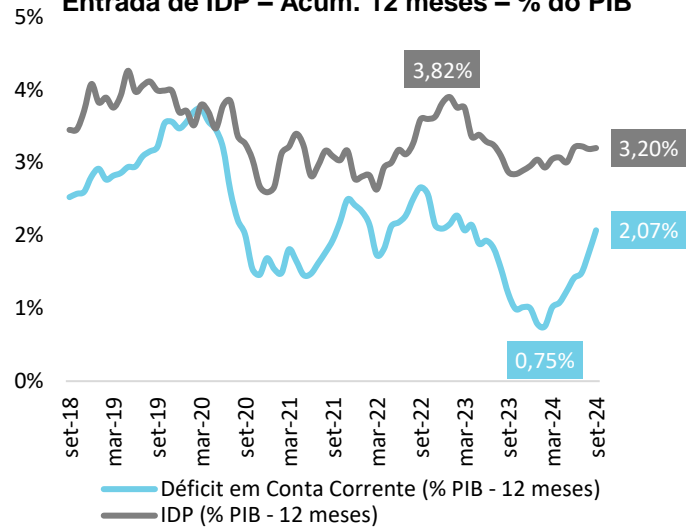
Fonte: BCB

O saldo comercial somou US\$ 4,8 bi, inferior aos US\$ 8,5 bi registrados em set/23, pressionado pela forte alta das importações (+18,4%), enquanto as exportações estão praticamente estáveis (+0,3%). Já o déficit na conta de serviços totalizou US\$ 5,0 bi (ante US\$ -3,5 bi em set/23), com alta nas despesas de transporte, aluguel de equipamentos, telecomunicação e viagens internacionais. Na mesma direção, o déficit em renda primária somou US\$ 6,5 bi (ante US\$ -5,0 bi), refletindo a ampliação das remessas de lucros e dividendos.

Os investimentos diretos no país (IDP), por sua vez, registraram ingresso líquido de US\$ 5,2 bi, pouco acima do observado em set/23 US\$ 5,1 bi. Em 12 meses, a entrada de IDP soma US\$ 70,7 bi (3,20% do PIB). Já os investimentos em carteira registraram entrada líquida pelo 5º mês seguido, de US\$ 3,0 bi em setembro, acumulando ingresso líquido de US\$ 5,8 bi (0,3% do PIB) em 12 meses.

Em suma, a demanda doméstica tem ampliado o déficit em conta corrente, seja pelo menor saldo comercial ou ampliação dos déficits das balanças de serviços e de renda. De toda forma, a entrada de investimento direto no país segue financiando com alguma folga o déficit externo, indicando não haver um risco iminente vindo do Balanço de Pagamentos para a economia brasileira.

**Quadro 6: Déficit em Conta Corrente e Entrada de IDP – Acum. 12 meses – % do PIB**



Fonte: BCB

## Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

### Aversão ao risco predomina nos EUA em semana pré-eleição

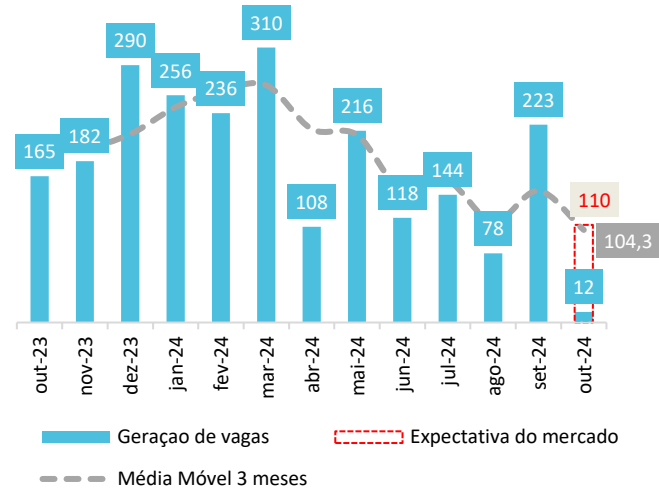
A aversão ao risco predominou nas bolsas norte-americanas na última semana com os investidores cautelosos, diante da proximidade das eleições, que ocorrem nesta terça. Pesou também os resultados e projeções de algumas empresas nos balanços do 3T24, com destaque para a Apple, que mostrou números fracos na China. Dentre os dados econômicos, de um lado, o resultado do PIB do 3T24 mostrou que a atividade segue forte, especialmente o consumo das famílias, de outro, os números do *payroll* registraram uma desaceleração acentuada do mercado de trabalho em outubro.

O *payroll* registrou a criação de apenas 12 mil vagas em outubro, bem aquém das expectativas de mercado (110 mil) e do dado de setembro (+223 mil), em função dos problemas no mês com furacões e greves em fábricas (Boeing, por exemplo). Em outubro, a criação de vagas foi sustentada pelo setor de saúde (+51 mil) e pelo governo (+40 mil), quase completamente compensados pelos cortes de vagas em serviços administrativos (-47 mil) e na indústria (-46 mil). De toda forma, a taxa de desemprego permaneceu estável em 4,1%.

Quanto à atividade, a prévia do PIB do 3T24 registrou alta anualizada de 2,8% ante o 2T24 (ou +0,7% na margem), pouco abaixo do esperado (+3,0%) e do observado no 2T24 (+3,0%), embora em ritmo ainda expressivo. O consumo das famílias seguiu como destaque, acelerando na margem (+3,7% ante +2,8%), puxado pelo consumo de bens e respondendo por praticamente 90% do avanço da atividade no período. Já os investimentos fixos desaceleraram (1,3% ante 2,3%), enquanto as exportações líquidas deram contribuição negativa (-0,6 pp) diante do forte crescimento das importações. Em relação à inflação, o deflator dos gastos pessoais (índice PCE) subiu 0,2% em setembro, conforme esperado, resultando em nova desaceleração em base anual, de 2,3% para 2,1%, dando continuidade no processo de desinflação. O núcleo do indicador, por sua vez, continua mais rígido e permaneceu estável em 2,7%.

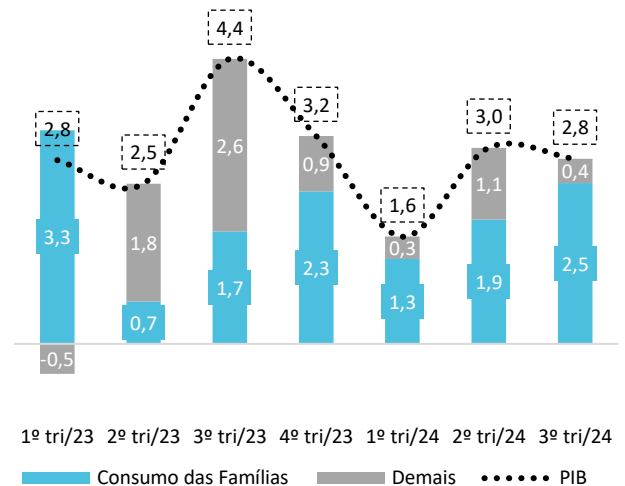
Na Zona do Euro, a prévia do PIB indicou alta de 0,4% no 3T24 (ante o 2T24), acima do esperado (+0,2%) e o melhor resultado dos últimos 2 anos, ainda que modesto. A Alemanha, maior economia do bloco, cresceu 0,2% no trimestre, evitando um quadro de recessão técnica (recuou 0,3% no 2T24). A Espanha (+0,8%) e a França (+0,4%) puxaram o desempenho da economia europeia no trimestre. No âmbito da inflação, a leitura prévia do CPI de outubro registrou alta mensal de 0,3%, acelerando em 12 meses para 2,0% (ante +1,7%), mas ainda em patamar confortável para o BCE seguir com sua política de flexibilização monetária.

**Quadro 7: EUA – Geração de Vagas de Emprego**  
Em milhares



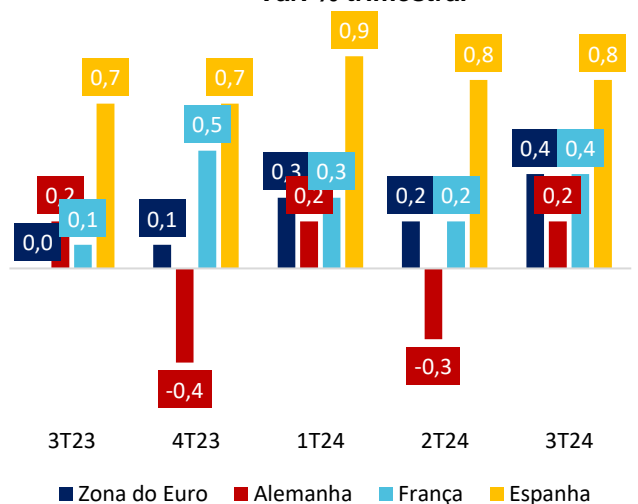
Fonte: Bloomberg.

**Quadro 8: EUA – Contribuição do Consumo das Famílias para o PIB do 3T24 – Em pp**



Fonte: Bloomberg.

**Quadro 9: Zona do Euro – PIB**  
Var. % trimestral



Fonte: Bloomberg.



## Nota de Operações de Crédito

## CRÉDITO / BANCOS

### Ritmo de expansão anual do crédito dá sinais de acomodação próximo a faixa de 10%

O saldo total da carteira de crédito cresceu 1,2% em setembro, atingindo R\$ 6,18 trilhões. O resultado levou a relação crédito/PIB para 54,2%, a maior da série histórica. Já o ritmo de expansão anual da carteira ficou estável em 9,9% (revisado), mantendo o bom dinamismo do crédito, mas dando sinais de acomodação no atual patamar.

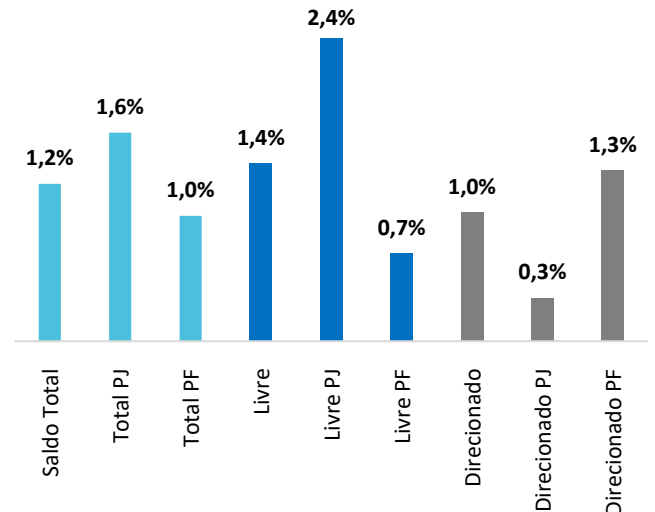
No mês, o crescimento foi disseminado entre as carteiras. A maior alta veio do crédito às empresas (+1,6%), com forte crescimento da carteira Livre PJ (+2,4%), beneficiada pela sazonalidade positiva de final de trimestre da linha de descontos de duplicatas e recebíveis (+14,2%). Também houve alta relevante da principal modalidade, capital de giro (+0,6%), especialmente de curto prazo (até 365 dias), além da expansão de modalidades como aquisição de veículos (+1,4%) e ACC (+2,4%). Já a carteira PJ Direcionada avançou apenas 0,3% no mês, refletindo a ligeira queda dos financiamentos com recursos do BNDES (-0,1%) e crescimentos modestos no crédito rural (+0,3%) e 'outros' (+0,7%), que contempla os programas públicos.

O crédito às famílias, por sua vez, avançou 1,0% em setembro. A maior alta veio da carteira direcionada (+1,3%), puxada pelos financiamentos imobiliários (+1,1%) e crédito rural (+1,7%), neste caso refletindo o Plano Safra 2024/25, que impulsiona os empréstimos ao setor agro neste período do ano. Já a carteira PF Livre cresceu 0,7%, com continuidade do bom dinamismo da linha de financiamentos de veículos (+1,7%) e pessoal não consignado (+2,1%), que se aproximam de uma alta anual de 20%. Também houve expansão do crédito pessoal consignado (+0,3%) e cartão à vista (+0,6%).

Em 12 meses, a estabilidade no ritmo de expansão refletiu, de um lado, o ganho de tração do crédito livre (de 8,7% para 9,1%) e, de outro, o arrefecimento do crédito direcionado (de 11,5% para 11,2%). No caso, a aceleração veio da carteira PF Livre, que voltou a rodar em dois dígitos, passando de 9,9% para 10,5%, impulsionada pelas surpresas positivas com o crescimento da economia e com o mercado de trabalho, além das reduções dos juros praticados até o momento. Já o ritmo de expansão da carteira PJ Livre ficou estável em 7,2%. No caso das carteiras direcionadas, houve redução tanto na carteira PJ (de 9,4% para 8,6%) quanto na PF (de 12,6% para 12,4%), ambas refletindo os desembolsos mais contidos nas operações do Plano Safra (crédito rural) deste ano, diante da piora das condições financeiras do setor (redução da safra e dos preços).

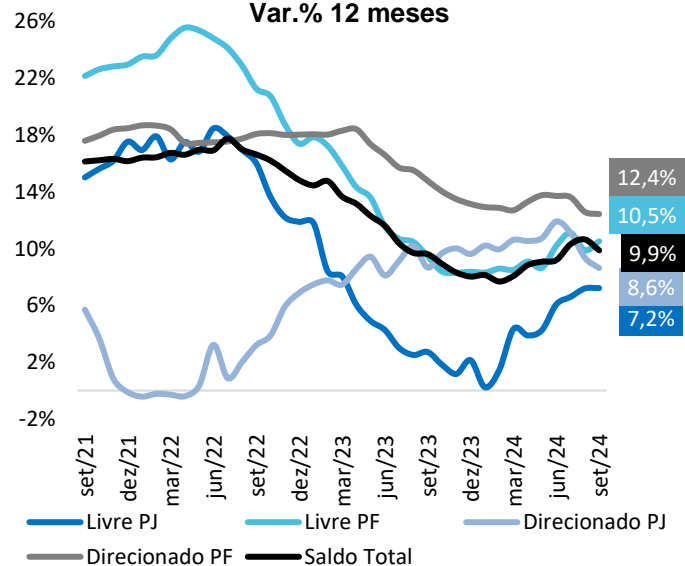
O volume total de concessões caiu 1,4% no mês (com ajuste sazonal e de inflação). A queda foi liderada pelas concessões para as empresas (-2,1%), enquanto para as famílias, houve alta de 0,5%. Apesar disso, no acumulado em 12 meses (com ajustes por inflação e dia útil), o volume total de concessões acelerou pelo 10º mês seguido, passando de 7,8% para 8,0%, com altas de magnitude similar na carteira PJ (+8,6%) e PF (+7,6%), reforçando o bom dinamismo que o crédito vem apresentando neste ano.

Quadro 10: Saldo – Var.% mensal – Set/24



Fonte: Bacen

Quadro 11: Saldo Total e Aberturas Var.% 12 meses



Fonte: Bacen



Em relação às condições de financiamento, a taxa média de juros do SFN caiu 0,1 pp, para de 27,6% aa, mantendo a tendência de queda dos últimos meses, apesar do novo ciclo de alta da taxa Selic. Na comparação com set/23, a redução é de 2,6 pp.

No mês, a queda foi puxada pela carteira PJ (-0,7 pp, para 17,7% aa), com recuo na taxa média tanto da carteira Livre (-0,3 pp, para 20,7% aa) quanto da Direcionada (-1,7 pp, para 10,3% aa). Na carteira livre, o recuo foi disseminado em importantes modalidades, como capital de giro (-1,1 pp), desconto de duplicatas (-0,2 pp) e conta garantida (-1,4 pp). Na direcionada, puxada pela menor taxa dos financiamentos com recursos do BNDES (-2,4 pp).

A taxa média da carteira PF, por sua vez, subiu 0,2 pp, para 32,4% aa, refletindo a maior taxa da carteira Livre (+0,5 pp, para 52,4% aa), que foi pressionada pelo maior custo das linhas rotativas, como cheque especial (+4,2 pp), cartão rotativo (+11,5 pp) e parcelado (+3,7 pp). Já a taxa da carteira PF Direcionada ficou estável em 9,9% aa.

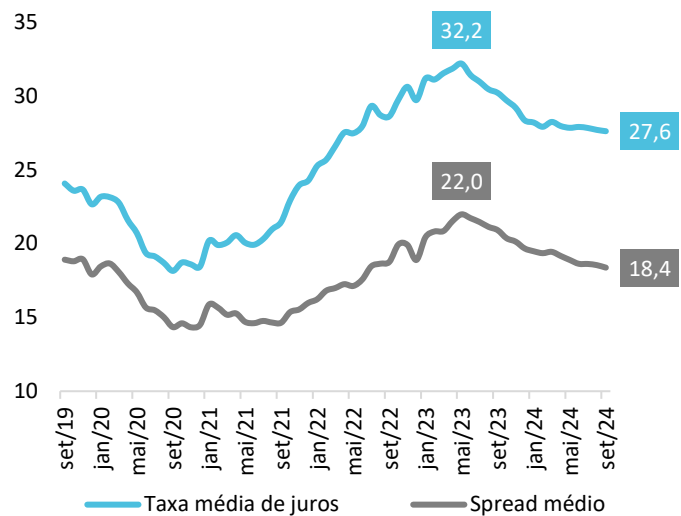
Na mesma direção, o spread médio do sistema recuou 0,1 pp para 18,4 pp, atingindo o menor patamar desde junho de 2022. O movimento segue refletindo a melhora nos índices de inadimplência e o ajuste no mix da carteira para linhas mais seguras.

A inadimplência da carteira total (>90 dias) seguiu estável em 3,2%, patamar que tem se mantido desde o fim de 2023. Assim como no mês anterior, a inadimplência de todas as principais carteiras seguiu praticamente estável. Isso sugere que, o movimento de redução da inadimplência observado entre o 2º semestre de 2023 até o início do ano se esgotou, mas também não indica nenhuma piora no curto prazo, mesmo num contexto de crescimento robusto do crédito.

No geral, os dados de setembro mostram que o crédito segue com bom dinamismo, com crescimento anual em torno de dois dígitos. Adicionalmente, observa-se estabilidade da inadimplência e taxas de juros ainda em queda, apesar do novo ciclo de aperto monetário. Esse desempenho positivo é visto especialmente nas operações com recursos livres, mais sensíveis às condições econômicas, que têm se beneficiado do avanço da atividade e do mercado de trabalho. O principal ponto de atenção recai nos possíveis efeitos do novo ciclo de alta dos juros sobre o crédito, ou seja, se será um impacto marginal ou se poderá comprometer essa dinâmica positiva observada até aqui. Por ora, a percepção é de que o efeito será administrável, com o crédito mantendo um bom ritmo de expansão, ainda que com algum arrefecimento ao longo de 2025.

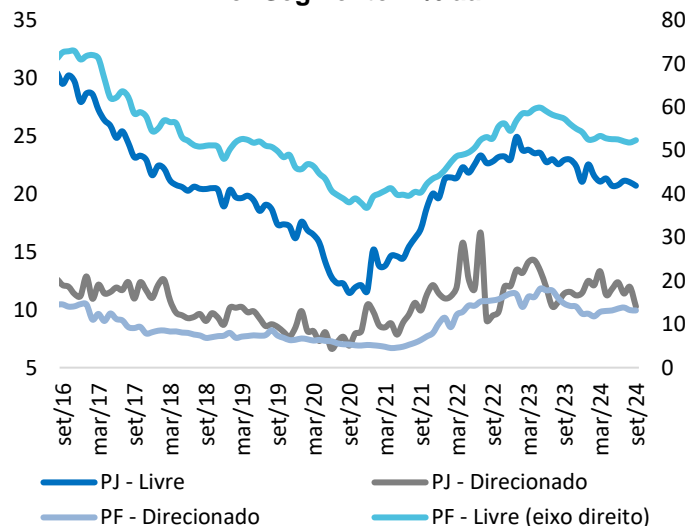
Para consultar um panorama mais detalhado das estatísticas de crédito, [clique aqui](#).

**Quadro 12: Taxa de juros e Spread Média do SFN – % aa**



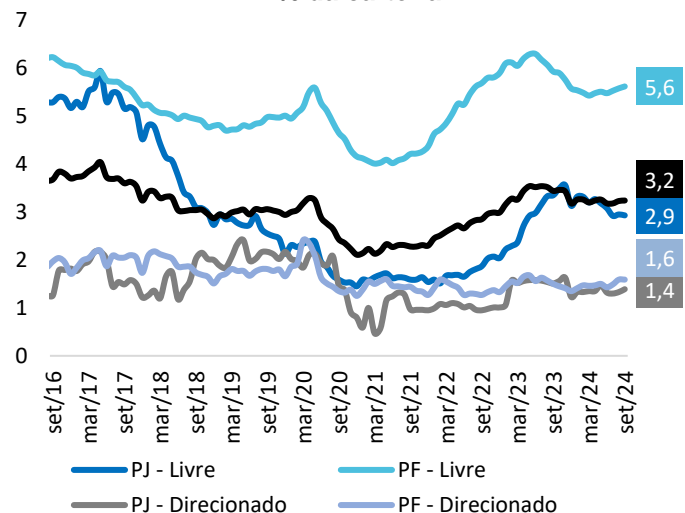
Fonte: Bacen

**Quadro 13: Taxa Média de Juros Por Segmento – % aa**



Fonte: Bacen

**Quadro 14: Taxa de inadimplência (> 90 dias) % da carteira**



Fonte: Bacen

## Resultado Corporativo 3º Tri/24 Santander

## CRÉDITO / BANCOS

O Santander registrou lucro líquido gerencial de R\$ 3,7 bilhões no 3º trimestre de 2024, alta de 10,0% no trimestre e de 34,3% em relação ao 3T23. O resultado veio um pouco acima do esperado pelo mercado (R\$ 3,5 bi), com o banco dando continuidade à recuperação de sua rentabilidade (ROE), que atingiu 17,0% (anualizada), com alta de 1,5 pp no tri e de 3,9 pp em 12 meses, melhor patamar desde o 2T22 (20,8%).

O aumento da lucro no comparativo com o mesmo período do ano anterior decorreu de uma combinação de melhora das receitas (margem financeira e com serviços) e controle dos gastos, principalmente com PDD. A margem financeira bruta subiu 15,8%, diante da reversão das perdas da margem com o mercado no 3T23 (R\$ -647 mi) para ganhos no 3T24 (R\$ 325 mi), com melhor performance da tesouraria. A margem com clientes também cresceu (+8,0%), em função da alta tanto do volume do crédito como dos spreads. As receitas de serviços subiram 13,3% em 12 meses, com destaque para os ganhos em cartões (+14,4%), principal categoria de receitas e que se beneficiou do consumo aquecido e maior ativação do produto no período. Outras contribuições importantes vieram de tarifas relacionadas às operações de crédito (+16,6%) e seguros (+11,9%).

Do lado dos gastos, a PDD ficou praticamente estável (-0,2%) no trimestre, com a moderação da inadimplência e melhora na recuperação de crédito. Em 12 meses, as provisões para devedores duvidosos subiram 4,7%, em ritmo inferior ao avanço do crédito, refletindo a redução do risco da carteira. Já as despesas de pessoal subiram 8,3% ante o 3T23, enquanto as despesas administrativas seguem controladas, com alta de apenas 3,9%. Assim, o índice de eficiência do banco melhorou (caiu) e atingiu 38,9%, melhor patamar desde o 3T22 (37,4%).

A carteira de crédito ampliada do Santander ficou estável no trimestre (-0,3%), mas subiu 6,1% em 12 meses, atingindo R\$ 663,5 bi. Na comparação anual, a alta do crédito foi puxada pela carteira destinada às famílias (+9,8%\*), diante de um cenário econômico caracterizado por mercado de trabalho aquecido e consumo resiliente. Dentre as linhas, destaque para financiamento de veículos (+20,9%), cartão de crédito (+13,3%) e consignado (+13,1%). Já o crédito PJ subiu apenas 2,3%, com alta no crédito destinado às PMEs (+12,9%), compensado pela redução na exposição dos banco via crédito bancário às grandes empresas (-4,3%).

Por fim, a taxa de inadimplência (acima de 90 dias) ficou estável no trimestre em 3,2% da carteira total. A estabilidade foi disseminada entre as carteiras PF (4,2%) e PJ (1,7%). Os atrasos (entre 15 e 90 dias) também ficaram praticamente estáveis (+0,1 pp), atingindo 3,6%, sugerindo que não há perspectiva de piora dos índices no curto prazo.

\* incluindo a parcela do crédito PF classificado dentro da linha “financiamento ao consumo”, que inclui veículos e bens de consumo.

### Quadro 15: Resultado 3T24 – Santander

Banco Santander - R\$ Mi	3T23	2T24	3T24	Var. %	
				Tri	Anual
<b>ITENS PATRIMONIAIS</b>					
Ativo Total	1.096.717	1.248.625	1.285.352	2,9%	10,6%
TVM	273.475	302.157	299.221	-1,0%	10,4%
Depósitos	439.297	497.074	495.854	-0,2%	6,5%
Patrimônio Líquido	84.037	87.955	88.770	0,9%	4,7%
<b>DRE<sup>1</sup></b>					
Margem Financeira Bruta	13.332	14.751	15.227	3,2%	15,8%
Provisão p/ créditos de liquid. duvidosa	-4.530	-5.896	-5.884	-0,2%	4,7%
Receitas com serviços e tarifas	4.412	5.182	5.334	2,9%	13,3%
Despesas de pessoal	-2.762	-2.979	-3.026	1,6%	8,3%
Despesas administrativas	-3.277	-3.336	-3.431	2,9%	3,9%
Outras Receitas/Despesas Operacionais	-2.549	-2.535	-2.613	3,1%	13,6%
IR/CSLL	334	-530	-630	18,9%	-718,6%
Lucro/Prejuízo do período <sup>2</sup>	2.259	3.332	3.664	10,0%	34,3%
<b>RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE<sup>1</sup></b>					
ROAE	11,2%	15,5%	17,0%	1,5 pp	3,9 pp
ROAA	0,8%	1,1%	1,2%	0,1 pp	0,2 pp
Índice de eficiência	43,1%	39,3%	38,9%	-0,4 pp	-3,6 pp
<b>CRÉDITO</b>					
Carteira de crédito	499.298	538.502	535.958	-0,5%	6,6%
PF	229.104	248.932	250.894	0,8%	7,8%
PJ	202.680	214.120	206.050	-3,8%	1,1%
PMEs	62.218	70.922	72.305	2,0%	12,9%
Grandes empresas	140.461	143.199	133.746	-6,6%	-4,3%
Financiamento ao consumo	67.515	75.450	79.013	4,7%	19,5%
Carteira de crédito ampliada <sup>3</sup>	617.215	665.592	663.503	-0,3%	6,1%
Estoque de provisão p/ liquid. duvidosa	35.470	36.545	34.502	-5,6%	-0,4%
Provisão adicional de PDD	2.409	4.095	4.186	2,2%	71,8%
Despesa PDD/Carteira de crédito amp.	0,7%	1,2%	0,9%	-0,3 pp	0,0 pp
Saldo de PDD/Carteira de crédito amp.	5,7%	5,5%	5,2%	-0,3 pp	-0,3 pp
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	3,3%	3,2%	3,2%	0,1 pp	0,2 pp
Cobertura > 90 dias	213,8%	215,1%	199,9%	-15,2 pp	-29,6 pp
Índice de Basileia	13,5%	14,4%	15,3%	0,9 pp	1,0 pp

Fonte: Santander RI. Elaboração: FEBRABAN. <sup>1</sup>Anualizado <sup>2</sup>Lucro Líquido Ajustado Gerencial <sup>3</sup>Inclui outras operações com risco de crédito: debêntures, FDIC, CRI, notas promissórias e avais e fianças.

## Resultado Corporativo 3º Tri/24 Bradesco

## CRÉDITO / BANCOS

O Bradesco registrou lucro líquido gerencial de R\$ 5,2 bilhões no 3º trimestre de 2024, equivalente a uma alta de 10,8% ante o trimestre anterior e de 13,1% ante o 3T23. O resultado veio um pouco acima do esperado (R\$ 5,1 bi) e levou a IF a registrar uma rentabilidade patrimonial anualizada (ROE) de 12,4%, subindo 1,0 pp no trimestre. Assim, de forma gradual, a instituição vai recuperando sua rentabilidade, que rodava próximo a 18% entre 2017 e 2021, antes do ciclo de inadimplência pós-pandemia, que impactou os resultados do banco nos últimos anos.

Na comparação com o 3º trimestre de 2023, a alta do lucro foi liderada principalmente pela queda dos gastos com PDD (-22,4%), refletindo a melhora da qualidade das safras e maior eficiência na recuperação de crédito (+35,0%). Com isso, a margem financeira líquida de PDD subiu 33,0%, apesar da queda da margem com clientes (-1,3%), que tem recuado em função do mix de produtos mais seguro e menor spread médio da carteira. A margem com o mercado subiu de R\$ 23 milhões para R\$ 364 mi, se beneficiando de maiores ganhos com arbitragem, segundo o banco. As receitas com seguros (+9,2%) e serviços (+8,7%) também subiram. No caso dos serviços, puxado por consórcios (+15,6%), administração de fundos (+13,7%) e rendas com cartão (+10,4%).

Do lado das despesas, houve alta de 10,4% em pessoal, 1,4% nas administrativas e 57,4% em outras operacionais. Neste caso, pesou o aumento das contingências cíveis e fiscais, além do aumento da participação na Cielo. Com isso, o índice de eficiência piorou (quanto menor, melhor), atingindo 52,0% no trimestre (ante 48,2% no 3T23), acumulando 52,0% nos últimos 4 trimestres, pior nível desde 2017 (início da atual série histórica).

A carteira de crédito ampliada do Bradesco subiu 3,5% no trimestre e 7,6% em 12 meses. No comparativo anual, a alta foi puxada pela carteira destinada às famílias (+10,0%), em especial nas linhas de crédito pessoal (+16,7%), imobiliário (+11,2%) e rural (+49,1%). Por outro lado, o cartão de crédito (+0,8%) tem mostrado o desempenho mais fraco. Já a carteira destinada às empresas subiu 5,9% ante o 3T23, puxada pelas operações com MPMEs (+16,9%), onde o foco tem se dado nas médias empresas, que possuem menor risco, segundo o banco. Enquanto isso, o saldo para grandes empresas ficou praticamente estável (+0,7%) no mesmo comparativo.

Com relação à qualidade da carteira de crédito, a taxa de inadimplência (acima de 90 dias) atingiu 4,2% da carteira total, caindo 0,1 pp no trimestre e 1,9 pp em 12 meses, menor patamar desde o 3T22 (3,9%). A melhora foi disseminada entre os segmentos no trimestre: MPMEs (-0,2 pp, para 5,2%), PF (-0,1 pp, para 5,1%) e grandes empresas (-0,1 pp, para 0,1%). Também foi observada melhora no índice de atraso (entre 15 e 90 dias), que saiu de 3,7% para 3,4% da carteira total, com queda também generalizada, principalmente na carteira de MPMEs (de 3,7% para 3,0%), indicando que a inadimplência deve continuar em trajetória de queda na carteira de crédito da instituição.

**Quadro 16: Resultado 3T24 – Bradesco**

Banco Bradesco - R\$ Mi	3T23	2T24	3T24	Var. %	
				Tri	Anual
<b>ITENS PATRIMONIAIS</b>					
Ativo Total	1.931.295	2.054.518	<b>2.077.359</b>	1,1%	7,6%
TVM	754.299	821.947	<b>819.436</b>	-0,3%	8,6%
Depósitos	612.915	618.551	<b>615.149</b>	-0,5%	0,4%
Patrimônio Líquido	162.713	161.784	<b>165.094</b>	2,0%	1,5%
<b>DRE<sup>1</sup></b>					
Margem Financeira	15.859	15.580	<b>15.999</b>	2,7%	0,9%
Margem com Clientes	15.836	15.255	<b>15.635</b>	2,5%	-1,3%
Margem com Mercado	23	325	<b>364</b>	12,0%	1.482,6%
Provisão p/ créditos de liquid. duvidosa	-9.188	-7.290	<b>-7.127</b>	-2,2%	-22,4%
Receitas de prestação de serviços	9.112	9.317	<b>9.904</b>	6,3%	8,7%
Resultado das Operações de Seguros, Previdência e Capitalização	4.624	4.644	<b>5.048</b>	8,7%	9,2%
Despesas de pessoal	-6.206	-6.627	<b>-6.849</b>	3,3%	10,4%
Despesas administrativas	-5.651	-5.729	<b>-5.728</b>	0,0%	1,4%
IR/CSLL	-534	-1.100	<b>-1.474</b>	34,0%	176,0%
Lucro/Prejuízo do período <sup>2</sup>	4.621	4.716	<b>5.225</b>	10,8%	13,1%
<b>RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE<sup>1</sup></b>					
ROAE	11,3%	11,4%	<b>12,4%</b>	1,0 pp	1,1 pp
ROAA	1,0%	0,9%	<b>0,9%</b>	0,0 pp	-0,1 pp
Índice de eficiência	47,3%	51,3%	<b>52,2%</b>	1,0 pp	5,0 pp
<b>CRÉDITO</b>					
Carteira de crédito ampliada <sup>3</sup>	877.500	912.092	<b>943.891</b>	3,5%	7,6%
PF	360.850	381.775	<b>396.837</b>	3,9%	10,0%
PJ	516.650	530.317	<b>547.055</b>	3,2%	5,9%
Estoque de PDD p/ operações de crédito	53.105	46.182	<b>46.335</b>	0,3%	-12,7%
Despesa PDD/Carteira de crédito	1,0%	0,8%	<b>0,8%</b>	0,0 pp	-0,3 pp
Saldo de PDD/Carteira de crédito	6,1%	5,1%	<b>4,9%</b>	-0,2 pp	-1,1 pp
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	6,1%	4,3%	<b>4,2%</b>	-0,1 pp	-1,9 pp
Índice de Basileia	16,0%	15,2%	<b>15,1%</b>	-0,1 pp	-0,9 pp
Cobertura > 90 dias	155,2%	170,2%	<b>169,3%</b>	-0,9 pp	14,1 pp

Fonte: Bradesco RI. Elaboração: FEBRABAN. <sup>1</sup>Anualizado <sup>2</sup>Lucro Líquido Ajustado Gerencial <sup>3</sup>Inclui outras operações com risco de crédito: debêntures, FDIC, CRI, notas promissórias, ativos relacionados a atividades de aquisição e avais e fianças.



## MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2024				2025			
	01/11/24	25/10/24	04/10/24	Viés	01/11/24	25/10/24	04/10/24	Viés
IPCA (%)	4,59	4,55	4,38	▲	4,03	4,00	3,97	▲
PIB (% de crescimento)	3,10	3,08	3,00	▲	1,93	1,93	1,93	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	11,75	11,75	11,75	↔	11,50	11,25	10,75	▲
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,50	5,45	5,40	▲	5,43	5,40	5,39	▲

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	01/11/24	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
<b>NACIONAL</b>					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,87	2,85%	1,43%	20,86%	18,46%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	163,63	3,74%	3,37%	23,53%	-7,84%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	11,12	1,40%	0,50%	-4,54%	-8,63%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	12,97	3,14%	2,23%	29,16%	17,59%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	13,27	3,69%	2,39%	31,70%	16,58%
Índice Ibovespa (em pontos)	128.120,75	-1,36%	-1,23%	-4,52%	11,36%
IFNC (setor financeiro)	12.922,72	-2,50%	-1,31%	-6,38%	15,45%
<b>INTERNACIONAL</b>					
Fed Funds (% a.a.)	5,00	0,00%	0,00%	-9,09%	-9,09%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,21	2,46%	0,84%	-1,05%	-15,71%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,38	3,39%	2,32%	13,01%	-5,91%
Dollar Index	104,32	0,06%	0,33%	2,94%	-1,70%
Índice S&P 500 (em pontos)	5.728,80	-1,37%	0,41%	20,10%	32,68%
Índice de ações de bancos – EUA	116,47	1,70%	-0,30%	6,35%	31,90%
Índice Euro Stoxx 50	4.877,75	-1,32%	1,04%	7,88%	16,98%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	148,10	2,29%	1,96%	25,14%	35,44%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	73,02	-3,98%	-0,19%	-5,22%	-15,92%

Fonte: Bloomberg.

**Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos**  
[economia@febraban.org.br](mailto:economia@febraban.org.br)

Rubens Sardenberg  
 Jayme Alves  
 Luiz Fernando Castelli  
 Daniel Casula  
 João Vítor Siqueira